

Mário Terres e Fabio Malcorra

Da Nossa Rincão



Guaíba – Berço da Revolução - 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terres, Mário

Do nosso rincão [livro eletrônico] : no Sul : o
nosso rincão : poesias de campo e cidade / Mário
Terres, Fábio Malcorra ; com ilustrações de Diogo
Corrêa. -- 1. ed. -- Guaíba, RS : Mário Terres, 2021.
PDF

ISBN 978 - 65- 00- 17920- 0

1. Poesia brasileira I. Malcorra, Fábio Santiago
Giribone. II. Corrêa, Diogo. III. Título.

21- 57683

CDD

- B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB 8/7964

DO NOSSO RINCÃO

NO SUL – DO NOSSO RINCÃO

POESIAS DE CAMPO E CIDADE

Mário Terres e Fabio Malcorra

Com ilustrações de Diogo Corrêa

Guaíba, anos de 2020 e 2021, versos de irmãos

Patrocínio:   Realização:   

Ficha Técnica

Projeto

Mário Terres e RGP Producoes

Poemas

Mário Terres e Fabio Malcorra

Fotos

Lucas Nunes

Arte de Capa

Ricardo Garcia

Ilustrações

Diogo Corrêa

Revisão e Correção

Elisa Terres

Este projeto teve início em dezembro de 2020



Nos termos da lei, nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, sem permissão da produtora e do autor.

Prefácio

DO NOSSO RINCÃO... “ex-libris méis”

Ano atípico, 2020 reservou para a humanidade ressaltos, percalços e eu, como todo humano, cheio de contradições, o enfrentei como um velho cavalo “cimarrón”, cuidando os tacurus da existência e aproveitando as boas condições do terreno, para prosseguir na jornada... Condições essas, que foram proporcionadas, por “los hermanos” que, Don Atha mencionou na sua obra, Velhos e novos. Velhos que continuam “amadrinhando” e novos, que se acercaram neste período crítico da nossa existência, para acrescentarem algo de positivo ao destino traçado. E, destaco a dois “manos” jovens poetas, poetas sim, eis que, também, assim como eu vivem da poesia e de um veneno inoculado, chamado rádio.

Fabio Malcorra, que conheci, numa cavalgada, na formosura poética da Serra do Caverá. Natural de Rosário do Sul (a histórica Nossa Senhora do Passo do Rosário), homem de campo (a primeira vez que o vi, estavam ferrando um cavalo), pai de família e declamador de marca maior.

Mário Terres, natural de Guaíba (Pedras Brancas - Berço da Revolução Farroupilha). Não nos conhecemos pessoalmente, mas, a convivência poético-musical (convivência que a modernidade proporciona) nos fez trocar ideias, pensamentos e conceitos, representa esta troca, um conhecimento de toda a eternidade. Gaúcho, guitarrero, poeta, recitador e pai de família... E estes

homens poetas, são irmãos, embora não geneticamente, mas, de poesia e de filosofia.

Pois, convocaram-me, a participar da obra DO NOSSO RINCÃO, com esta humilde apresentação e alguns “rabiscos” ilustrativos. Ex libris, significa “dos livros ou faz parte dos meus livros” e este é um livro, do qual faço parte e, portanto, com imenso orgulho “um dos meus livros” guardados na memória da biblioteca do coração.

DO NOSSO RINCÃO é um livro de poesias. Poesia gaúcha, pura, que retrata o chão da terra onde nascemos. O ser humano que nele habita. Suas ideias, conceitos, idiossincrasias aos elementos exteriores e interiores e relação com seus parceiros, os animais, os locais e suas ferramentas de trabalho.

Desfrutem senhores, da POESIA...da melhor poesia, produto do Meu Rincão, livro dos jovens poetas, meus irmãos!

Rosário do Sul – 1ª Lua Cheia de 2021

José Diogo Barros Corrêa
(Diogo de Bagé)

NO SUL – DO NOSSO RINCÃO

Rincão é o campo, a poeira da estrada, o barro do atoleiro, a água do açude e o estreito do passo. É lenha para aquecer, luz para iluminar e alimento pra dentro d'alma.

E o Sul das nossas palavras que está contido no extremo do continente, onde os avós carregavam talhas de lenha e tachos de banha, as vacas e os bois tinham nomes e os cachorros eram por ofício, campeadores.

O sul é a vastidão do poncho que nos veste, com baeta encarnada e que carregamos por onde andejamos ou apeamos, esse sul reconta histórias guerreiras, de sangue na terra e coragem no peito. É o que forjou essa estirpe e que nos faz renascer em cada confronto mundano.

Ah esse sul... Esse nosso sul! Tão surenho e universal que parece não caber em nós de tão plural, mas que no peito se acomoda de tal forma, que a mente consegue resgatá-lo e pinçar suas peculiaridades, para a mão empurrar o lápis e transcrevê-lo em palavras.

Sul que carregamos, mais que ponto de referência, Sul significa Rincão, onde moram rimas e penas para sossegar o corpo e iluminar o espírito. Façam suas as nossas poesias e com elas tenham o sul de nossas almas para conhecerem as coisas de dois poetas batizadas: Do Nosso Rincão.

DOS AUTORES

MÁRIO TERRES - Guaibense, industrial, professor e poeta. Capta Das coisas cotidianas do mundo, dos contos, das músicas e dos livros o gosto pela poesia desde muito jovem, quando escutava seus avós contarem as histórias de suas vidas e perdia-se embriagado na singela biblioteca de sua casa. Sua mãe sempre lhe apresentou livros interessantes e o fez apaixonar-se pela literatura. Compõe poemas sobre diversos temas e hoje adotou a poesia regional como sua favorita. Nesta obra transpõem em poesias seus sentimentos, sua cidade, personagens e fatos que pertencem ao seu rincão, ao nosso rincão para tocar e iluminar a alma de leitores.

FABIO MALCORRA – Rosariense da terra das areias brancas e da Serra do Caverá, Administrador de Empresas, Radialista, Declamador, Poeta.

Traz de antanho a poesia, incentivado pelos pais, com as raízes de avós ligados ao campo, conhece das coisas desse rincão, pois ali gravou as imagens de tudo que os livros diziam.

Tem na Poesia Gaúcha um sentimento muito especial, pelo encontro com as imagens do campo, da vida, e de tudo aquilo que sempre vivenciou desde a sua infância, nela também identifica a simplicidade e autenticidade do povo que tem amor a suas tradições e honra sua identidade.

DEDICATÓRIAS

À minha mãe Marília que me apresentou à poesia. Elisa, Franciele e Valentina, fontes eternas de inspiração. Vô Osvaldo “Barulho” que me trouxe o campo mesmo na cidade e meu pai Mauro, fortes e significativas referências. Vó Judith, avó com cabelo de algodão e aroma de doces, minhas irmãs e sobrinhas, luzes da alma. Meus muitos amigos, irmãos de tantas andanças e todas as horas, falta espaço para nominá-los, mas estão no meu coração e serão amados eternamente. Ao irmão de causa, Fábio Malcorra por embarcar nesse sonho de peito aberto e alma luzente para levar adiante os sonhos em poesias, que os versos nos conduzam meu irmão. Sou das castas Terres, Souza, Florence, Fraga e Pereira e à eles escrevo com zelo, ao Patrão Celestial, muito obrigado! Serei para sempre grato ao destino poeta!

Mário Terres

Dedico este livro aqueles que vieram antes, semeando bravura com sotaques e costumes, com respeito e hombridade, meus avós Adir Malcorra, Sara Brasil, Santiago Giribone e Zelina Dineck Giribone e na sequência do tempo àqueles que me mostraram o caminho correto das coisas da vida, deixando seus melhores ensinamentos entre eles a poesia e cultura ancestral, meus pais Joaquim Malcorra e Maria do Carmo.

A minha esposa Juliana que apoia sempre e vive intensamente cada momento de nossa vida rural e urbana com muito amor e muita poesia, aos meus filhos Bernardo, Bento e Martina fontes de Luz e inspiração que me fazem voltar ao mundo mágico de ser criança sem deixar de ser adulto. A minha irmã Kassia, sempre vigilante ao sentimento puro e fraterno e também conservadora da arte da declamação que tanto amamos.

Ao meu tio José Adir, que me abriu as retrancas das porteiras da poesia e nunca mais as fechou, no seu íntimo mais crioulo,

sempre de alma pilhada na conservação deste ideal terrunho de cruzar caminhos sempre aprendendo.

A Mário Terres irmão que a poesia pariu e nos fez andarilhos neste “Rincão” lapidando a alma através dos versos e por fazer desta minha pequena participação algo tão importante para uma vida.

Aos tantos amigos que apoiaram ao longo da estrada, em especial ao Capitão Glênio Daison (In Memoriam) pilar da tradição da fronteira do nosso estado que acreditou e materializou muitos sonhos. À grande amiga Ilza Machado Oliveira que rebentou maneias e cabrestos, sempre para que esta arte florescesse e desses frutos.

A todos que me permitiram viver neste mundo da poesia crioula, bem ao sul destas imagens mais ao sul dos sentimentos, agradecido eternamente ao destino de Declamador!

Fabio Malcorra

SUMÁRIO

LAÇO PAI E FILHO	11
MORTE E VIDA NUM JULHO	14
NA CHUVA, O CIO DA TERRA.....	21
OS VELHOS SULCOS DAS CARRETAS MORTAS	25
NAS ENTRANHAS DO MATADOURO	31
DE TRADIÇÃO E CULTURA.....	38
SONETO A DOIS RIOS	41
TRANSCENDÊNCIA - VALENTINA	42
VIDAS	44
DAS CHINOCAS	44
MEU CTG, MINHA QUERÊNCIA	49
ESTAMPA GAÚCHA.....	50
ORAÇÃO PELA ALMA DO CARRETEIRO	52
PROCEDÊNCIA	55
À DON JAYME	57
DAS MINHAS VERDADES	61
À DON MAECO FLORENCE	62
O MENINO QUE QUERIA DANÇAR.....	67
NO ESPELHO DO AÇUDE	71
DE ESTRADAS E SAUDADE	74
SIMPLES ASSIM.....	75
PELO QUE SOU	77
DA LIDA E DA MARGARIDA	79
O POETA, O DECLAMADOR E O AMADRINHADOR	83
VIAGEM DENTRO DOS RETRATOS ANTIGOS	88
DE NOSSOS AVÓS	91
DE UM RIO	93
A PRIMEIRA ESPORA.....	95
POR GAITEIRO	97
AO GRANDIOSO JOÃO CABRAL	100
MEU CÉU INTERIOR (UMA RELEITURA)	103

LAÇO PAI E FILHO

Cedito

o sol ainda não acordou os galos
e a vida se faz lida e tempo...

Nem empezou a clarear
uma mãozita pequena
com sussurro de voz serena
teima em me acordar,
finjo não escutar
E a voz então, se agiganta
solta de sua garganta
a gana que traz em si
é um dos meus guri
chamando: Pai te levanta

É domingo e tem função
tempo bom ou tempo feio
hoje é dia de rodeio
no berço da tradição
O Bento de freio na mão
eu ainda me acordando
salto logo me pilchando
pra botar as coisa no trilho
hoje tem laço pai e filho
vamos chegar debulhando

Enquanto vou me ajeitando
ele se vai pra outro lado
e chama o irmão Bernardo
que ainda tá cochilando

Se vem meio resmungando
que o mano não quer levantar
mas antes de terminar
já bota um sorriso no rosto
o mano aparece disposto
porque hoje nós vamos laçar

Lida de mate e desayuno
e o Tudo De Bom tá na olada
Ajeita o Faísca e a Jangada
embuçala e já põe no rumo
que assim no más eu me aprumo
levando a gurizada comigo
ao Patrão Véio bendigo
c'os filhos lidando ao meu lado
me sinto rico e abençoado
meus herdeiros, meus amigos

Se largamo campo a fora
bem traquejado os arreio
nosso rumo é o rodeio
calçado firme na espora
aí que um gaúcho se escora
O piá menor vai primeiro
meu maior é o meiero
eu sigo na retaguarda
admirando a vanguarda
do gauchismo campeiro

Quando chegamos os três
levantando a polvadeira
toda a plateia faceira
palmeia na nossa vez

Bem mais que laçar a rês
vejo as coisas do rincão
florescendo ao coração
do campeirismo em família
É os filhos na mesma trilha
pra forjarem a tradição

Lindo é ver transcender
essas coisas que formam valor
regalos da querência flor
o pai ver os filhos crescer
Certeza que não vai morrer
quando se faz de coração
passando de irmão à irmão
a lida, o laço e o respeito
que a honra se forja com jeito
na chama do amor e união

MORTE E VIDA NUM JULHO

O seu Júlio...

Ah!!! O seu Júlio neste julho
repensou sua existência.
Em seus traços de experiência
que a vida...que a vida,
(esta escola em movimento)
não emprestou o seu tempo
pra o ensinamento das letras.
Fez-se elas como feras
apostando as deveras,
na humildade destes olhos.

Nas incertezas dos dias
passam anos tempo a fora.
O balancim ajustado,
o Lobuno enfrenado
com braça e meia de rédea,
O pelo que é pura seda...
troteia bem responsável
pra buscar o pão sagrado
que nutre a mesa da casa!

E o seu Júlio?

O seu Júlio neste julho
segue o ranger da carroça
com a alegria na cara,
a esperança que não verga
chupa no beíço e conversa

com seu amigo da tantas,
Correndo o dia na lida
por mais um frete da vida
batendo cascos nas pedras.

A tarde que vai se apeando
de volta ao rancho com a carga,
antes do mate a capricho,
pois tem respeito no bicho
dá o alívio dos arreios
desta carroça pesada,
a boa água e o verdejo
pra o seu parceiro andejo
de tantas quadras troteadas.

Pelas frestas do rancho
se avista a luz das estrelas,
que renova a fé e a força
desta parelha de guapos:
- Um que esconde nas rugas
as amarguras da vida
e devolve cada grama
neste sorriso que estampa
um otimismo na cara.
-Outro, a companhia disposta
que atende pelo chamado
traz no sangue a resistência.
forjada ao sol do deserto
da montaria beduína.

Chega a noite de manso
e o vento usa as frestas,
pra soprar forte e calar fundo.

Traz presságios e anseios
das incertezas do mundo....
A lamparina se apaga
no breu da noite gelada
Deixando o escuro do medo
numa trâmela serrada.

O vento, as estrelas, céu noturno
nas frestas adentram a má sorte
trazer um recado de morte
num balbuciar taciturno

E o Seu Júlio?

O seu Júlio neste julho
que amanhece pensativo
deu falta do relincho altivo
do Lobuno carroceiro
que sempre fora parselheiro
da cancha reta da infância,
No ar que traz a fragrância
de ensinamentos antigos
que a vida lhe regalou
pra compartilhar com amigos.

Trava aberta, olhos nos olhos
um bufido já esclarece
que a enfermidade prevalece
ante a força de um centauro
Desencoraja o guerreiro
que não enfrena o parceiro
pra este dia que empeça
Sai em busca de recurso

e como num forte impulso
lhe dá o socorro errado
Por não saber de escrituras
a pobre da criatura,
lhe aplica o troco salgado
do tempo e do alfabeto
que a vida lhe fez privado.

“Por tantas vezes que andamos
quebrando pedra a trabalho
bem longe aqui desta vila
tu me atendeste de pronto
sem entender como afronto
o peso desta carroça.
E agora que estás enfermo
não retribuo o que falo
talvez o Deus dos cavalos
te abrace em compaixão
e mande alguém de algum canto
para secar esse meu pranto
e devolver-te à missão.”

Como palavras têm força
e a fé de um índio guerreiro,
pois vê que chega ligeiro
com iluminada experiência
uma doutora consciência
que também ama os cavalos
e fez da vida cuidá-los
como se fossem os seus
Juntando forças com Deus
fez do momento oportuno
com seriedade e vivência

brilha a vida do Lobuno.

As lágrimas pelos sulcos
deste rosto calejado,
o versejar embargado
a fé jamais se isenta,
sofrendo junto com o amigo
que também lhe pede abrigo
pra esta hora cinzenta.
Neste Júlio que lamenta
não ter vencido a escola
e que agora vive de esmola,
de coletas pela rua,
desta sociedade amarga
que faz do peso na carga
a realidade mais crua.

Mas seu Júlio, neste julho
com Julianas esperanças
roga ao Pai onipotente
que abençoe esta mente
que a ciência iluminou,
traga de volta o rompante,
e ao velho um novo semblante
de alegria e de persistência,
permitindo que a carroça
rinja o selote pelo mundo
atrás do sustento pra vida
com tenência e com aprumo
nas forças do seu Lobuno.

A alma Juliana em julho
com fé e conhecimento

usou todo o ensinamento
dando esperanças a Seu Júlio
Os anjos em seu mangrullo
com a graça desmedida
ungiram a fiel guarida
Na força do coração
pela fiel dedicação
trouxeram o lobuno pra vida

Seu Júlio, dona Juliana
num julho prenúncio de agosto
não deram esse desgosto
pra aquela alma pampeana
Quando a bondade se hermana
dos homens por animais
o Divino sabe o que faz
sem medir esforços ao salvá-lo
homem, doutora e cavalo
jamais se entregam, JAMAIS!



Ilustração: A Carroça – Diogo Corrêa

NA CHUVA, O CIO DA TERRA

Cai a chuva finalmente
(tanto tempo sem chover)...
O campo que estava a arder
secando raiz e semente
bebe água alegremente
renovando em verde a vida.
Chove chuva desmedida
molha o campo, mata a fome
da seca que te consome
na terra compadecida.

Chove chuva cai em manga
nos desmandos da natureza
refaz a cor da beleza
ampara o açude e a sanga.
Adoça o araçá e a pitanga
nesse teu dom de adoçar,
o arame se põe a chorar
como uma alegre criança
divisando campo e esperança
estendido a te cuidar.

As flores quase entregues
refazem cores e aromas.
Ao beija-flor que te tomas
entregue o beijo, não negues
pra que assim ele carregue,
teu sumo por outros lados
e a aranha no alambrado,
que foge pra não morrer,
deixa a teia aparecer

como um mágico emaranhado.

Um touro que berra longe
em resposta a vaca mansa,
que daqui a pouco enche a pança
no pasto em renovação.

Vou atiçando a emoção
de quem para a perceber,
parecem até agradecer
a escuridão no horizonte,
que já vem a três ontante
negando este renascer.
É a seca que se despede
arrogante, persistente,
se vai pela água corrente
levando junto a tristeza,
vem colorindo a natureza
e a sede desta vertente.

É a chuva mansa e sorrateira
que chega rompendo a tarde,
pingando gotas trigueiras
fazendo poça na porteira,
molhando sem fazer alarde.

Neste diálogo medonho
entre espaço e firmamento,
inexplicáveis imagens
se unem num só momento.
A vida ganha mais cor
o mate tem mais sabor

neste verdejar infinito,
e o assovio do peão sólito
contemplando esta beleza
ganha ares de ternura
sacando o chapéu pra natureza

O Quero-quero esvoaça
um João de Barro se aninha
até o cusco adivinha
que hay barro pras pirraça
embarra toda a carcaça
latindo e se rebolqueando.
É a natureza cantando
alegre pela benção
que a chuva vem como unção
de terra e céu se encontrando

Até a tuna que é rude
(prefere o sol e a poeira)
reverencia a aguaceira
que vai do morro pro açude.
O Patrão que nos ajude
ao cio do campo manter
se o setor primário morrer
é como a chuva tardia
se vai o mundo a la cria
sem ter boia pra comer.
O campo é vida estampada
(exalto pela voz da garganta)
eu creio, essa terra é santa
benzida e abençoada
que no cio recebe a aguada
engravida, tem gestação

sem água, a extrema unção...
É como um filho a colheita
que se o universo rejeita
caminhamos pra extinção.

OS VELHOS SULCOS DAS CARRETAS MORTAS

Como um louco sonhador
ainda ouço, pelas noites longas
um aboio... Alguns mugidos...
Até o grito forte
o berro solto, estendido
pra junta se ajeitar.

“Eira... Eira... Cabriúva...
Ajója boi! Toca Malhado...
Ajeita boi caborteiro!!!”

São velhas cismas de viajar
pelos sonhos, portais imaginários
lembrando dos legendários
carreiros a carretear.
Eram plantadores a semear
nosso Rio Grande mascate,
varando terras num embate
de chuvas, frios e mormaços.
Levando a vida em trompaços
sem fraquejar no combate.

Hoje, sobrou um assobio
zimbrando pela estrada,
aço em madeira raiada
foi sustento que ruiu.
Do carreiro se ouviu,
nas tantas vindas e idas,
que cansou das despedidas
e por bem, também partiu.
Parece que pressentiu

o descaso dessas lidas.

O ranger de eixos...

Aqueles eixos rudes e fortes,
que levavam e traziam pelas estradas
as carretas, os carreteiros, as cousas.

Uma grosa de tantas cousas:

Badulaques, farinha, banha, presentes
ah o presente...

Conjugação temporal ingrata ao carreteiro.

E os eixos, que eram uma voz
uma voz reticente, grave e altiva
se aquietaram com o tempo.

Os bois no ajoujamento
desataram os seus nós.

As velhas e ágeis enxós
que afiadas descarnavam as madeiras
com suas artes feiticeiras
de talhar canga e canzil
enferrujadas e sem fio
perderam-se na poeira.

Devem ser agora
badulaques (sem carretas),
enfeites de estantes empoeiradas,
entulho de algum velho galpão...
Passado que passou sem legado
arma rude, pedindo
quase que implorando uma mão
para empunhá-la e usá-la.

Quedaram-se em saudades

os rastros e as carretas...
Sucumbindo nas valetas
do tempo, com suas maldades
agindo com perversidade
nesse progresso tirano,
repechando velhos anos
sucumbindo ao moderno,
mas me sobra o riso terno
dos carreteiros mundanos

Das carreteadas...
...as penas.

Dos homens?
Entordilharam as melenas
e contam histórias de tropeiros
rudes e bravos pampeanos
que os piás ao escutarem atentos,
desenham na mente esses personagens
como seres encantados...
Com pompa e glória
porque são história
e são gente
e foram carreteiros...

As carretas meus amigos!
Ah as carretas rasgaram essa terra
como uma faca rasga o carnal,
separando nacos de carne pra o assado.
Elas alimentaram a paz
e a guerra.
Enfrentaram tantos perigos
sofrendo atoleiros e castigos

cruzando ermas distâncias,
carregando risos e ânsias
alimentando sonhos e andanças
tristezas e esperanças,
levando bois, madeiras, quinha
e um bravo carreteiro consigo.

Foi aguilhando a junta,
como um encantador de bois,
tamanquito de madeira
ou botas pra os atoleiros
barro, mato e poeira.
O carreteiro se foi...
Se foi... E se foi...

O tempo veio também numa carreta
mesclando o antes e o depois.
Velho homem, velhos bois,
pois a vida é uma carpeta,
que se não for meio sotreta
a partida trava e não destrincha,
escondendo sob a quinha
seus mistérios de andanças.
Se a picana não da conta
de empurrar os bois da ponta,
sobram só desesperanças.

Foram-se pra sempre os gritos...
Silenciaram estalos e rangidos,
os gritos que não eram gritos
eram comandos ensaiados
entre junta e carreteiro.
Era um comando ordeiro

de quem sabia das estradas
das carretas, das gente que queriam as cousas
que cruzavam o país
no responso do carreteiro.

Os personagens findaram carcumidos
como findaram aboios no infinito.
Sobrou um velho, saudoso e solito
sonhando com os aboios
com os gemidos...
Os sonoros rangidos
como dissipa-se uma cerração
vão sumindo na história.

Os tamoeiros, as cambotas
travessa, ajoujo, rédeas e varão,
chapéus, tamancos e botas
cruzando horizontes de memórias já taperas
que no antanho vai buscando as quimeras.
Então o sonho novamente me bate na porta...
Chega cansado, um sonho esmaecido,
porque veio num tranco conduzido
sob os velhos sulcos das carretas mortas.

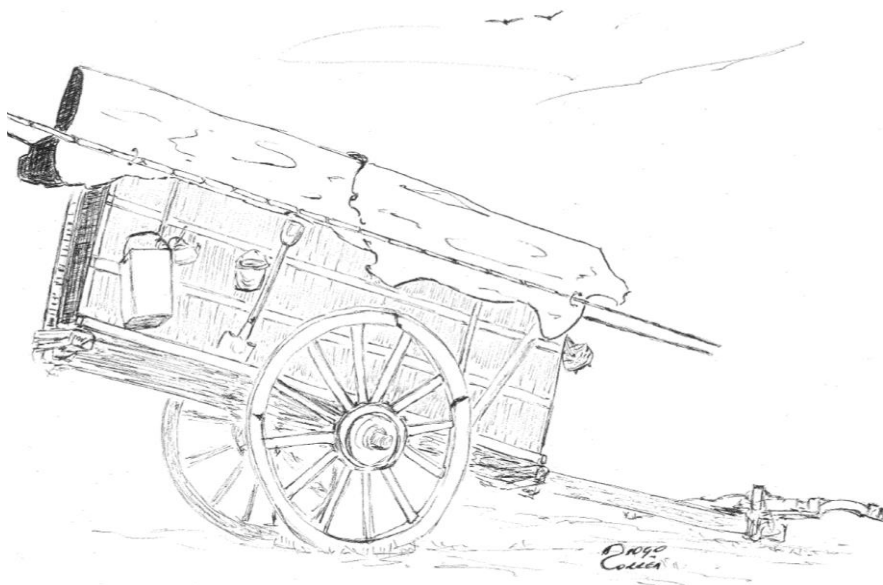


Ilustração: Carreta – Diogo Corrêa

NAS ENTRANHAS DO MATADOURO

Mausoléu de pedra e tempo
amarelido, exaurido e calado...

Verde limo, pedra ferro, com um tom cinza roto e
abandonado.

Ruína hoje por ironia imposta
e o próprio tempo que te deu ares de realeza, te
descarnou

Teus vidros, outrora reluzentes
que já foram límpidos, transparentes
de iluminar o interior com o trespasse da luz externa
jazem quebrados.

Teu telhado um tanto perecido
ruiu a sombra da imponência
sobre algumas paredes que por teimosia
estaquearam-se de pé
e decidiram que dali não saem.

Olhando lá no canto oeste,
o antigo poço, já seco,
um salgador e uns pedaços de varal.
São antigas testemunhas da tua pujança.
Há nos trilhos de aço pendurados, carros de transporte
e alguns ganchos enferrujados,
nem eu e nem o vento te sacam da inércia temporal...

Um regaço sulcado a golpes de pás na terra
estende-se na diagonal do teu corpo
desmilinguido agora,
mas que fora, outrora

escoadouro de tuas sobras,
conduzindo ao rio, sangue, vísceras e restos
daquilo que vomitavas aos borbotões
e os peixes recebiam com gana.
Esgotava-se uma vida, alimentava-se outras
no ciclo de uma cadeia infinda
que segue sem olhar por onde
nem há o que se questionar, quem dirá entender

Vou a ti, sentindo teu ar que era gélido e seco
úmido e bolorento, traças, cupins e fantasmas
que rondam tua carcaça sem fazer sanhas.
Nas pútridas curvas das tuas entranhas
são estéreis esses ares, como seca era tua alma.
Cheiro de morte, silêncio de calma,
fragrância de carne, tempo e história
passado vil quase sem memória.
Tantos mugidos lamentosos
que abafaste num golpe, talvez dois,
mas primeiro, rondava o ar uma marreta
e um movimento certo e infalível
logo em seguida o ruído seco e sem piedade.

Ah cruel, fatigante e cambaleante marretada...
(Uaaappp...)

O marreteiro por certo nem pensava no ato que praticava,
era instinto, incumbência, força e pontaria
pra ele judiaria era o bicho penar a dor,
era chegar ao puaço sem ter dormência.
Ele se achava o anestesista da morte
apacando a dor do que seria abatido.
A faca pontiaguda do sangrador,

mestre da esgrima e sangria
desferia seu golpe com maestria.

Depois de sua participação nesse ciclo mortuário
não se ouvia mais um sopro de vida
só o rangido das correntes suspendendo aquilo que já
fora boi.

Brevemente outras mãos ágeis removem o couro,
joga pra o lado, dessangra,
puxa a buchada e as tripas:

“- Aparta o mocotó!!” Grita o encarregado;

“- Separa a miudama pra um assado”,
seguia firme a sinfonia de chaira, faca e corte.

Entre uma pualada e outra, a canha
pra molhar a palavra e dar agilidade pras mãos,
afogar as penas e alegria a alma dos trabalhadores
dar fim ao martírio das horas e ao cansaço.

Dentro e diante de tudo isso
as pedras, os homens e o próprio matadouro,
absorvendo as malesas e as dores dessas almas.
Sem perceberem, são parte itinerante da mortandade,
são os mensageiros da desesperança,
da escarnia carniceira que alimentava o povo.
Em cada marretada, vem de novo,
couro, carne e matança...

Por isso que em teu abandono
trazes um ar de sofrimento e sofreguidão,
por isso que quando adentramos nas tuas entranhas
lembramos de morte, de sangue e de dor.
Estás amaldiçoado a guardar o cheiro da morte pelos
teus cantos

porque apesar de ser sustento de tantos,
foste lamento de outros seres que nem sabiam
que em ti a morte era o que lhes esperavam.
Por isso os tropeiros chegavam calados e saiam mudos.
Nas valas de sangue da lavação do teu bucho
carregava a seiva vermelha da vida tragada
e teu dono malfazejo
colhia os quinhões sem te dar um vintém.

Enquanto foste imponente e opressor
carregaste a soberba e o ar de quem reinava sobre a vida,
teus portões recebiam tropas e tropeiros,
boiadas, carreteiros, visionários fazendeiros
que pensavam na troca, um boi por uma pataca.
Talvez tu nem reparasse que abrigavas tantas malezas,
mas quando deixaste de ser rentável,
não haviam mais fazendeiros, tropas nem dono
só tristezas, almas penadas e com elas o abandono.
Que só o tempo, o cheiro de sangue e o sal te
acompanharam
e com o sal veio a tristeza da ruína,
porque o sal foi pra ti o que a faca era pro boi...
Mensageiro da morte e da desgraça.

Tens o nome estampado na parede principal.
A cerca puída de arame e moirões toscos...
Ainda carregas um ar de imponência,
mas dá pena da tua impotência.
De estar relegado a ruínas e ao esquecimento
porque apesar de ser lamento
foste passado de riquezas e glórias
e nem pra contar tuas histórias
encontramos um vivente.

Pobre edificação decadente
descaso, tempo e o sal
foram teus maiores opressores.

Não se escutam mais mugidos das tropas,
nem o silêncio funerário dos tropeiros
trocando cabeças de gado por dinheiro,
pressentindo a força da marretada e a ponta da faca em
cada boi.

Muito menos aquele grito incontido do encarregado
querendo sempre mais carne, mais sangue e mais couro,
faleceu só, velho matadouro
entre as almas penadas que te rondavam,
sob as pedras que te sustentam por birra
pra que sejas forte em cumprir tua sina
de aplacar as dores das vítimas nas tuas ruínas.

Vítimas que chegavam boi,
viravam carne, sobras e couro,
vintém, charque, tripeiro e sangria.
Que viravam boia na mesa da gentarada,
tapete pra alguma sala abastada
cabos de chifre pras facas,
gordura de alguma rabada
e o suco vermelho que percorria o teu regaço.
Com as tripas e sobras seguiam pro rio
que alimentavam os peixes,
que alimentavam os pescadores,
que assim cumpria as tuas façanhas
saídas de dentro de tuas entranhas.

Histórias, lendas e um ar úmido e fétido

de quem ao sangrar também sangrou,
desbotado ao relento e ao tempo...
Esse próprio tempo que te deu ares de realeza,
ah que tristeza...
Te descarnou!



Ilustração: Matadouro – Diogo Corrêa

DE TRADIÇÃO E CULTURA

Das raízes deste chão
brotam sinas estancieiras,
almas rude e guerreiras
que legaram tradição.
São o cerne do rincão
alumiando no escuro,
peleando com o futuro
perpetuando sina e lida
não quedarão esquecidas
soterradas em apuros.

Tradição é transcendente,
cultura é um movimento.
Novo, antigo - é o rebento
colhida do sulco da gente,
se não germina a semente
acaba-se então o legado.
De que vale andar alçado
com os olhos no mundo novo
sem lembrar que este povo
fez história no passado.

No mate que aquece o peito,
na espora presa ao garrão,
na rabeca, gaita e no violão,
num pingo encilhado a preceito
se o que é bom já nasce feito
isso é fruto da história
que emoldura trajetórias
de um povo, uma nação,

são cultura e tradição
guardiãs dessas memórias.

No simples aperto de mão
- um tri, chê, barbaridade -
aos do campo e da cidade
que unem casa e galpão
trazem ao peito a paixão,
ser simples e tradicional.
Um abraço, más que tal
sem forçar traz de nascença
a chama dessa querência
que se faz transcendental.

Grande responsabilidade
sob o teto dos CTGs.
De ensinar todos porquê,
de mostrar fato e verdade
traz cunho de sociedade
pra ser ampla e contundente,
amparar qualquer vivente
dar razão e fundamento,
descarnar tento por tento
da história de minha gente.

Minha terra é por sinal
o Berço da Revolução,
tem cultura e tradição,
talentos descomunal.
Multi-poli-cultural
na música, na poesia,
dança, fotografia,
em qualquer manifestação.

É a cultura deste chão
que sua gente irradia.

Abram as portas do galpão,
iluminem as esperanças
tragam pra perto as crianças
ensinando a tradição.
Garante a perpetuação
da gauchesca trajetória
guerra, dança, campo e glória
dando amor é que se expande
o valor desse Rio Grande
sem perder a sua glória.

SONETO A DOIS RIOS

Lúgubres os costumeiros transeuntes não transitaram
Impelidos ante dois rios unidos e cortados entre
amuradas

Vislumbrados de espelhos que as paisagens duplicaram
Agudas distintas unidas, coloridas e desamparadas

Um estuário que margeia a cidade, outro inunda a rua
São dois rios concomitantes em visões distintas
Ocupando espaços, desatarraxando laços na manhã nua
E as lentes da magnífica poetisa de imagens, te pintas

Dois rios que espelhando o mesmo céu, as nuvens, o
chão

És água mudando paisagens - quem quer passagem -
chora

Quem se permite, admira a beleza dessa aquática união

Amanhã já não mais estarão unidos rios, um vai embora
Desfazendo o cenário magistral dessa espelhada junção
E a foto eterniza os dois: rio de dentro e rio de fora

TRANSCENDÊNCIA - VALENTINA

A razão do tempo, é procedência
Vida, caminho e essência
Importante sempre é dar vazão
E nela encontrar a razão
Do viver e a transcendência

A vida me deu amores
Os amores me deram frutos
Por isso que vivo e luto
Referenciando os meus
Pra que façam pelos seus
Muito mais do que já fiz

Eu que fui filho, fui irmão e fui neto
Hoje convivo inquieto
Na ânsia de ser avô

Quando a filha nasceu
Foi embriaguez de felicidade
E com sua mocidade
Aumentava a alegria
De ver a nossa guria
Voar por sua liberdade

Aquela doce menina
Cresceu e virou mulher
Tornou-se esposa e agora
Depois que a vida aflora
Ela também vira mãe
Mãe de um anjo menina
Nossa linda Valentina

Com certeza vem radiante
Carregada de esperança
A benção se faz criança
Luz, amor e muito afeto
Comungando nosso dialeto
Nascendo no santo chão
És luz de um velho lampião
Incenso, alfazema e alecrim
És fragrância de jasmim
Amor em sua imensidão

VIDAS

Tricolor tremulando,
cavalos, gritos, lanças.

Gente que mata e que morre por ideais
e eu?

Eu me vejo sempre atropelando um cavalo
em corridas ensandecidas e certeiras
como se eu tivesse outras vidas,
como se vivesse outro tempo.

Eu vivi sim outros tempos...

Eu sinto o pulsar de potreadas,
uma lança cortando o ar
espadas a balançar
em suas bainhas prateadas.
O sussurro das canhadas
chamando a morte nefasta
logo que a fé se afasta
e o sangue rega o chão
vai manchando o meu rincão
de vidas, cores e castas.

É como se eu tivesse aprisionado
(algo que o cárcere não explica)
numa linha que o tempo se achica
e anda despacio, acanhado.

DAS CHINOCAS

De antanho, anoiteceu

noite linda, tez enluarada.
Com sua roupa estrelada
a noite escondia o breu
e um ar de medo ateu,
que em nada acreditava,
pelo rancho se espraiava.
Com os filhos daquela terra
rugiram tambores de guerra,
pra uma pátria que acordava

Tinham no sul os homens
e esses homens eram valentes!

Não eram tantos,
mas todos que haviam eram valorosos.
Traziam em si ganas de liberdade
e o sonho de fazer do sul um país.

Esses homens peleadores
tinham em si suas lidas,
suas famílias, suas dívidas,
seus sonhos e seus temores.
Suas penas e seus amores
e um ideal libertário,
o contraponto temerário
de quem deve abdicar de tudo
pra desafiar o mundo
com recursos muy precários.

Ah esses homens valentes
deixavam os ranchos pra trás...
Às vezes nem voltavam mais
porque a morte era latente,

numa guerra tão pungente
quem tomava conta das terras?
Quem cuidava o gado na encerra?
A chinoca sempre trabalhadeira,
mulher, gaúcha e guerreira
guardiã das casas na guerra.

Eram panelas na cozinha
e braços para o arado,
pegavam firme no pesado
pois agora eram sozinhas
aprendiam de pequeninhas,
por isso sabiam de tudo um tanto.
Carregavam garbo e encantos,
entendiam que os homens eram pra guerra
e a mulher, agora, era pra terra
e a vida vivida sem acalantos.

O que os homens eram pra os piás,
as chinocas eram das chinitas.
Em seus vestidos de chita
alguém em quem se espelhar,
sabiam do campo e do lar
dos homens e das crianças,
dos penteados e das tranças,
das lendas e das canções
dos mates e dos fogões,
das rezas e das esperanças.

Ah as esperanças...
Sejam elas de espera ou de conquista...

As guerras infindas seguiam dias

e seguiam meses, e anos e mais anos
As chinocas firmes teciam planos
e teciam a noite suas romarias
de ruminar a tristeza fingindo alegria,
pois era delas a cruel missão
de manter a vida no rincão,
de cuidar da cozinha e da encerra,
de mimar os filhos e tratar a terra
entregando seus homens ao Patrão.

Por isso as chinocas eram tão rudes...
Por isso as chinocas eram tão belas
e talvez por isso todas elas,
traziam nos olhos de açude
duas vistosas bolitas de gude,
serenadas d'água pela vida
escondendo as suas feridas
com o perfume de vivência,
os trejeitos de querência
e um brilho de estrela perdida.

E elas se fizeram fortes,
lutaram pelo Rio Grande, seu País.
São as que hoje, Deus quis
fossem o céu, o rancho e o norte,
daqueles que buscam aporte
pra abrandar o coração.
Ter um lampejo, um clarão
em seus braços de matronas,
em seus acalantos de siá donas,
em sua alma de rincão.

As chinocas traziam consigo

fibra e a alma de guerreiras
uma sina antiga de parideiras
e um aguçado sexto sentido.
Elas farejavam o perigo
a léguas de acontecer,
sabiam se proteger,
mas também eram delicadas
abdicaram de serem mimadas
para um país verem nascer.

Hoje são bem diferentes
as chinocas da minha terra,
lutam em outras guerras.
Ainda são lutas por sua gente
das teias reminiscentes
(que o passado pode tecer)
das chinocas podemos dizer,
são anjos bons disfarçados
por Deus foram enviados
para o Rio Grande proteger.

MEU CTG, MINHA QUERÊNCIA

Pra quem procura o afeto e a amizade
Em sociedade pra um convívio familiar
Fazer amigos desses como uma irmandade
Onde o respeito seja a pedra basilar

Não te preocupa que eu mesmo vou te levar
Pra um lugar que além disso tem tradição
O CTG vai te fazer aquerenciar
Segundo lar pra carregar no coração

Lá tem cultura, declamação,
Cantoria, gaita, viola e violão
Jogo de truco, prova campeira
Comida boa e uma Família Dançadeira
Barbosa Lessa e o Seu Paixão
Que pesquisaram toda essa tradição
Foi no Julinho onde tudo começou
Ganhou o mundo e o Gaúcho perpetuou

Cada prendinha leva o amor por esse estado
Cada peão, respeito pela tradição
Ensino transmitido igual legado
Por voluntários nesse enlace de união

Minha entidade é a primeira da cidade
Na identidade o herói da libertação
Gomes Jardim, cantando assim com autoridade
É de Guaíba o Berço da Revolução

ESTAMPA GAÚCHA

Trançando letras tento a tento
pra sonorizarem ajeitadas
co'a alma solta em payadas,
embuçalando o lamento,
trago um bordão pacholento
me escorando, faz costado
retinindo um dedilhado
de milonga matraqueira
que chega prá abrir porteira
e chasquear esse recado

Aprendi pelas canhadas
e sei fazer com clareza,
escutem e tenham certeza
nessa décima espichada,
toda milonga de payada
nesses relatos e pedidos
é clarim dos atrevidos...
E a voz do payador,
serve apenas de fiador
prá se fazer compreendido

Em cada cantor do rincão
o atavismo se estampa
um Rio Grande se acampa
no alambrado do violão
expondo a manifestação
da cultura sempre viva
pois é desta gente ativa
que enraizada cultura
nossa mãe pampa xirua

através de arte nativa

É uma homenagem que faço
a Oliveiras, Terres, Morais,
Silvas, Borges e mil outros imortais
que abriram caminho a trompaço
forjaram e moldaram o aço
da alma dessa gente campesina
que verta o sal da retina,
pois é o tempero que herdei
daqueles em quem me inspirei
donos da pátria continentina

Que os filhos dos filhos de seus filhos
repassem às proles futuras
o manancial de cultura
desse Rio Grande caudilho,
em seu viver andarilho
sem fraquejar ao repuxo
num jeitão missioneiro
serrano, litorâneo ou fronteiro
deixe saber por inteiro
o valor do povo Gaúcho.

ORAÇÃO PELA ALMA DO CARRETEIRO

“-Era boi! -Era boi!”...

Um grito soa cansado
foi mermando a rangedeira,
apeou entre pasto e poeira
e atirou a aguilhada pra o lado.
O rosto do sol castigado,
as pernas dormentes e cansadas
trazia o cincerro das passadas
no tamanco já gasto da lida,
enquanto pensava na vida,
nos anos de carreteadas

Desfez os avios da junta
como se conversasse com amigos,
talvez dos melhores, lhes digo,
pois pra um homem carreteiro
o peito arde em braseiro
regando um jardim de amarguras.
As noites frias, solitárias e escuras
e os pensamentos incontroláveis,
tornam os dias infindáveis
e a carreteada mais dura

Soltou o Fumaça e o Cabriúna,
pra descansar da viagem,
puxou um palheiro e uma imagem
(pois a fé não se esgotou)
acendeu o pito e sentou
no pasto do parador.
Limpou da cara o suor

tirou o chapéu resmungando
fez quase que cochichando,
uma oração ao Senhor:

“Patrão do céu, as “cousa” tão difícil,
tá bem escasso junta das buena
a profissão de carreteiro se apequena,
nem carreta se vê mais...

As máquinas em vez dos animais,
pra carretear um eito de tralhas
vão engolindo canzis, cangalhas,
os rangidos, os aboios, tamoeiros,
as juntas e até os velhos carreteiros,
restou pra gente as migalhas

O homem moderno da cidade
que se diz buenacho, por capricho
acha que manda nos bicho,
faz máquinas que faz o tal progresso
pra “ganhá” um tal de sucesso.
Vende as suas coisas sem medida
não só as tralhas, mas a própria vida,
trocou de ponta o valor do que tem valor
a família, a honestidade, o amor
até a fé no divino anda esquecida

E aí meu bom Patrão?
tu que fica na estância do céu,
não deixe esse pago a lo léu
parece que está tudo perdido,
no mas, te pergunto atrevido
quanto é que vale minha alma?
Quanto vale essa solidão, essa calma?

Tem algum preço de venda?
Se não vende, me arrenda
acabe com esse meu trauma

Essa minha cara curtida do tempo,
as mãos marcadas e queimadas,
do sol, das rédeas, das carreteadas
a voz que não ressona direito,
pois falta força em meu peito.
Se hay preço Patrão, eu quero comprar
quero ter documento e guardar,
ser dono de minha própria vida
quero ser casa, tapera e guarida
e catre pra paz se deitar

Pra eu ser feliz meu patrão,
quero findar minha jornada
aquereciado em minha morada
longe desses desalmados
cabeça erguida, filhos criados
olhando para a china amada.
Sentir a alma leve e lavada
prá no momento da partida
me ir de cabeça erguida
sem ter a honra comprada“

PROCEDÊNCIA

Sou filho desta querência
Raiz de campo e coxilha
Meu cerne é de coronilha
No sulco da descendência
Tenho alma e procedência
De um velho avô gaiteiro
Com ganas de galponeiro
E a avó, esteio e fogão
Alma doce e coração
Sorriso largo, altaneiro

Sou piá de goela afiada
Gauchinho do rincão
Tenho amor por este chão
Essa pampa esverdeada
Minha bandeira adorada
É a gaúcha tricolor
Templada a sangue e suor
Por nossos antepassados
Que nos deixaram legados
De vida, lida e amor

Há na ciência campeira
Ensinamento ancestral
Domar cavalo de pau
Sovar barro na mangueira
Correr marreca piadeira
E uma que ninguém ataca
Guerra de bosta de vaca
Com o piazedo da volta
Aí que a gente se solta

Gritando mais que arataka

Tomar um bom chimarrão
Com gosto de erva e fumaça
De tudo poder achar graça
Pois conheço campo e galpão
Entendo da tradição
Mesmo que eu seja guri
Pois me criei e cresci
Aonde o sul se arrepia
No Recanto Parceria
Alma farrapa e Guarany

Mas quando eu crescer parceiro
O campo habite meu peito
Quero ter sempre esse jeito
De guri, gaúcho e arteiro
Olhar cativo e chibeiro
Pra contrabandear amizade
Ter a mesma paz e humildade
Da gente dessa querência
Lembrar minha procedência
Com gosto de amor e saudade

À DON JAYME

Nas grotas de Timbaúva,
bem nos confins da biboca
que se tornou Bossoroca
São Luiz Gonzaga, mi flor
mãe terra do payador
alma de luz e querência.
Conhecedor das vivências
de campo tropa e vigília
fez corredor e coxilha
pra escrever sua existência.

Raiz bugra missioneira
traduz campo e campeiro.
Rude doutor, curandeiro
das lidas e vida duras,
peleias e travessuras
descritas com perfeição.
Rimas para o rincão,
décimas e potreadas
pra sorver nas madrugadas
o mundo ao pé de um fogão.

A cavalo era ginete,
pois o bom já nasce pronto
não perdia um confronto
numa peleia de truco,
por isso quero e retruco
bendizer na rima certa
essa décima de oferta
ao doutor das escrituras,
mais gaúcha criatura

que Deus batizou poeta.

Jayme de causos e sonhos,
Caetano de versos e rimas
vibram bordões e as primas
no alento do payador,
Braun se vai no fiador
pra retumbar no universo
vagando em campos diversos.
É totem de cerne puro
gaúcho de pelo duro
registrado em cada verso.

Artista dos campesinos,
poeta do mundo rural
sem freio, velho bagual
nunca frouxou aos teatinos
nem fraquejou desatinos,
pelo duro, luta e vence
deixe que algum pense
poder ainda dobra-lo,
não sabem que de a cavalo
não se trompa um Rio Grandense.

Alma eterna da pajada
e o mito do pajador.
Bandeira de resplendor
dessa guapa gauchada,
que retrataste versada
entre poesia e canção
é pena que Deus Patrão
te chamou pro céu campeiro,
mas não te preocupa parceiro

aprendemos tua lição.

Foi-se o pajador dos guaxos,
mas não morreu pro rincão.
Ecoará junto ao violão
na voz de um quera paysano,
ou no sopro do minuano,
reborqueando num capão
com o ardor de algum tição
ressongando nas madrugadas,
eterno Jayme em payadas
aquerenciado ao galpão.



Ilustração: Don Jayme Caetano Braun – Diogo Corrêa

DAS MINHAS VERDADES

Eu levo a vida que escolho
Plantando amor ao caminho
E cada amigo que colho
Entrego alma e carinho

Simplista e sem prepotência
- Meus dias vivo um a um -
Trazendo ao peito a querência
E um jeito simples, comum

Não finjo nem peço goela
Vidinha tosca e normal
Sigo assim sem nem dar trela
Sou único e original

O que sei eu de mim mesmo?
Me perco pensando assim
Entendo menos ainda
Quem pensa saber de mim

Não perco tempo em maldade
Falando do que não sei
Respeito, fé e humildade
São as verdades que herdei

Carrego essas minhas verdades
Sem julgar universais
Por bem querer as pessoas
Minha alma vive na paz

À DON MAECO FLORENCE

Ao redor do fogão
entre lenha, brasa e tição
meu avô contava causos
lembrei deles outro dia...

Há um que trago vívido na memória
falava de um tal Don Maeco,
que meu avô, numa noite fria
empezou uma décima e descambou pela história.

“Nos campos do pajonal
Maeco, batizado Ismael Florence,
um típico Rio Grandense
caricatura do homem rural.
Domava potro bagual
pelo pouso e pelo pão,
matuto, guapo bonachão
no povo era bem conhecido
só não era tão querido
pelo capataz, Nego Adão.

Ninguém lembra como veio,
se por simples andante
por fuga ou por errante.
Um dia apeou do matungo feio
sacou o sombreiro e parou rodeio
de seco, perguntou pelo patrão,
topou-se com o Nego Adão
foi rusga a primeira olhada.
O Nego deu uma encarada
e apontou para o capão.

A pouco tempo a potrada
recebida na estância
ainda sem forma e constância
necessitava a empreitada,
banho, doma e uma traquejada
pelo, trato, bicheira e função.
Disse: Me passa essa feição
que eu posso cuidar pro senhor,
sou Maeco, sou domador
Florence desse rincão.

Machaços por tradição
os dois tinham olhos pra Rosa,
não eram de muita prosa.
Maeco ginete rude, sem medida
Nego Adão capataz de rigidez conhecida,
os dois eram buenos na lida,
mas tinham certas desavenças
cada um com suas crenças
dessas cotidianas da vida.

Viviam se toreando,
testando a coragem e desafiando-se,
mas seguiam se controlando
até que certa feita nego Adão passou dos limites...

Foi pros lados do varzedo
retovando un redomão
que o veiacó Nego Adão
chamou o Maeco bem cedo,
meio que de bofe azedo
o ginete de alma abrandada

aceitou aquela querada
de um taura contra um malino
coisas que só o destino
pode ver redesenhada.

Sério e de ar concentrado
pediu pro Adão escolher,
porque mais do que morrer
num tombo de desbocado
não podia ser pecado
pra quem vive dessa lida.
Nem tinha apreço na vida
esse guapo Rio Grandense,
era o Maeco Florence
de coragem desmedida.

Qualquer beijudo era cavalo
pra esse homem domador.
Conhecia o seu valor
um monarca e seu vassalo,
camisa que foi regalo,
bombacha bem desbotada,
espora grande afiada
mostrando que a lida é dura.
Na Estância da Sanga Escura
se atirou na gineteada.

Rabugenta era a gateada
que reborqueava bem loca,
vertendo baba da boca
e suor do lombo arcado,
mas o Maeco pregado
não froxava as ferramenta:

“Essa maula me arreventa
ou vai virar uma donzela”
gritava o louco pra ela
gineteando a Rabugenta.

Uma confusão das feia
de corcívio alucinante.
No repecho e no lançante
a briga era bem parecia,
ninguém esquece a peleia
do Maeco e a Rabugenta
só um taura que enfrenta,
ginetear um par de horas
retovando com as esporas
no garrão que se sustenta.

Cutucava firme e parelho
golpeava o freio na mão,
mas com muita precisão
batia dos dois lados co’o relho.
Sem um pingo vermelho
brotar do lombo da égua,
como quem tinha uma régua
esporeava sem espinhar
só mesmo pra se afirmar
na luta firme, sem trégua.

Depois das horas passadas
os dois se pararam num cerro
Maeco com cara de enterro
e a Rabugenta atorada.
Diziam que a gineteada
provocada pelo nego Adão

era uma aposta do patrão
pra desbancar o Maeco,
que agarrou seus tareco
e se foi pra outra região.

Contaram que esse campeiro
adquiria carinho e o respeito
porque era bueno sujeito,
trabalhador e ordeiro.

Ninguém soube o paradeiro
nem dele nem da gateada,
que lhe foi regalada
depois da briga campeira,
não tinha melhor maneira
da história ser registrada.

Meu avô, olhos espelhados
mirou o futuro num instante
projetando o passado distante
encerrou a prosa emocionado,
como se estivera a ela ligado.
Maeco Florence era especial
amansava qualquer bagual
sem maldade ou exaltação
era na verdade um irmão,
um anjo do pajonal...

O MENINO QUE QUERIA DANÇAR

Olhos grandes, sonhos maiores
afoito como a adolescência faz
com todos os meninos que sonham,
ele sonhava, ah como era sonhador...
Por vezes perdia-se em seu próprio sonho
em um devaneio enfadonho,
mas sonhava com muito fervor,
margeava afundado em sentimentos
(raiva, ódio, amor, afeto e lamentos)
turbilhão que o prendia nesse paradoxo.
Assim se desprendia do mundo real
para viver paralelamente no surreal,
tão imerso, que a mão não alcançava
o socorro que ele tanto precisava.

Apareceu relampejante, vindo de longe,
chegou pra se aquerenciar,
apesar de trazer luz na alma
timidamente se prostrava
como se quisesse atenção...
O fardo da vida lhe caia pesado
sobre os ombros franzinos.
Ah que lástima meu menino,
tu que sonhavas tanto em dançar
queria ainda muito andejar.
Claro! É certo que queria,
mas era subitamente tomado pela escuridão,
na maioria das vezes emanava alegria
vejam só, ouçam bem, quem diria,
rodeado de amigos, sempre altivo
por dentro era um rancho solidão

Desempenhou vários papéis
nessa camerata mundana:
fora filho, irmão, tio, amigo,
trazia um sorriso consigo
desses mágicos, translúcido, encantador.
Cantou, versejou foi até dançador,
dançando e encantando
todos aqueles que o rodeavam.
Altivo também como disse,
pois não tinha tranqueira,
qualquer função que lhe chamassem
ali estaria aquele vívido piá,
de mangas arregaçadas,
sem perguntar nada,
se punha firme a ajudar.

Foi se aconchegando,
criando vínculos, alastrando os laços
invadindo a vida da gente
pra que consumíssemos do mesmo afeto,
gerando tamanha amizade,
nossos enlaces de fraternidade
eram fortes como couro de brasino
e aquele bom menino
nem sabia em que se apegar.

Sorriso na dança,
seriedade no truço,
empenho na declamação.
Essa última era pretensão
pois apesar de se preparar,
escolher Aureliano,

o menino mundano,
não quis mais nada
e esqueceu que sonhara dançar.

Hoje as botas jazem vazias,
as pilchas amarrotadas,
serão pra sempre guardadas
igual tuas fotografias.

Hoje o tempo bom de alegrias
escondeu-se e a tristeza
cobriu de nuvens o céu,
teus irmãos sacam o chapéu
por reverencia a partida
essa que é tão doída
pois nem sabemos entender...

O que serão das esporas?
Quem usará tua bombacha?
Parceiro o que tu acha
que fizeste com tua gente?
Partir assim de repente
sem nem ao menos dar chance
de ensaiar mais uma dança,
de termos mais uma prosa,
de nos dizer mais um verso,
tu não tinha esse direito,
afinal não é defeito
errar nas coisas cotidianas,
atitude desumana
é entregar-se nos braços da morte
achava que tu era mais forte,
vê só como a gente se engana.

Falhamos...

Acho que não te conhecíamos afinal,
Não te amparamos,
nem conseguimos trazer-te todo a realidade.

Te afundou no mar de insanidade
confundindo teus mundos,
deixando o surreal engolir o outro
e no desespero imensurável,
de quem está preso pela espora
num potro que perde o tino
lá se foi o menino
matear com Nossa Senhora

Tu quem desistiu meu irmão
quiseste o caminho perverso
escuta no céu estes versos
pela voz que te conduz:

Que os anjos te entreguem a luz
e os trabalhadores divinos,
encontrem enfim meu menino
pra levá-lo aos bons cuidados,
teus males sejam aplacados,
tu entendas e peças perdão

Porque por aqui meu piá,
nesse mundo tão desigual,
o bem luta incansável contra o mal
e são brutais as peleias
tu apostou e se perdeu
entregou tudo por quase nada

ficaram sem um adeus
Teus amigos do truco, da campereada
de música, verso e estrada
de todos os departamentos
secamos um pouco por dentro.
E os teus irmãos de internada
numa corrente iluminada,
seguem olhando pra riba
orando pra que nosso Curitiba
Henrique Hartur de Paula Oliveira
de toda e qualquer maneira
descanse no afeto e no amor,
sua alma se encha de luz
e que o próprio mano Jesus
te livre de toda a dor...

O menino que queria aprende a dançar,
Sabes dele moço?
Ele já dançou...
Hoje ele partiu e não dança
espero que encontre a paz
mas ainda há de voltar criança
para dançar mais e mais!

NO ESPELHO DO AÇUDE

Era guri de estância
regateador de doçuras,
de manhas e travessuras,
mas também da obrigação.
Sempre bom dia e benção,
nunca andar melencólico
meu pai, senhor carrancudo
ensinou desde bem cedo:

Crescer sem nunca ter medo,
respeito acima de tudo.

Fazia as lidas de piá,
obrigações de ajudaça.
Coisas que faziam as crianças
nos campos onde eu morava
e do açude que eu mais gostava,
era meu espelho e amigo
que compartia comigo
de sonhos e desenganos,
mesmo ao passar dos anos
água, recanto e abrigo.

E via o guri crescendo
naquele espelho abençoado,
sentindo-se destinado
a ganhar mundo e distância.
Mas como deixar a estância,
casa, cavalo e o meu açude?
As coisas da lida rude
que fazem parte da gente,
era terra em nova semente
até que o tempo lhe mude.

Quando a prima Rosinha
na sua beldade espantosa,
em tuas águas cautelosas
aflorou um corpo esguio,
me chamando em desafio
pra banhar-me assim pelado
eu fiquei apavorado
e tu, meu açude amigo,

parece que falou comigo
“Passa pra dentro abobado”.

Ou voltando das carreira
no meu pingo de estouro,
flor de flor aquele mouro
com sede, pra ti se bandeou.
Quando a cabeça deitou,
desci num tombo mais feio
deixei pra trás os arreio
encharquei bota e chapéu
fiquei bombeando pro céu,
uma risada nos veio.

Foste meu açude mais fiel.
Ouviste todas minhas penas,
as grandes e as pequenas,
de lides e pataquadas
e tu, espelho de aguada,
sem exprimir opinião
me consola o coração
na paz das tuas águas turvas.
Hoje sou tora em tuas curvas
aguardando mais um tirão.

DE ESTRADAS E SAUDADE

Uma luz que brilha nessas noites largas
É tua alma clara acendendo a lua
Nesses campos vastos lumem pirilampos
São parceiros quietos da saudade tua

As estradas tantas que me levam embora
Já não são as mesmas que fazem voltar
Entre ranchos, pousos, ontem e agora
Solidão é um catre duro de aguentar

Cada vez que parto, o peito parte em dois
Mas de cada jornada depende o sustento
Fica um beijo doce sempre pra depois
Pois retorno é a ânsia que levo nos tentos

Soalheiras, mormaços castigando a fio
Chuvas, temporais e uma longa estrada
Cada dia longo um novo desafio
Toda noite o sonho de voltar pra amada

Mesmo que a jornada dure outro inverno
E a poeira assente nas melenas rudes
Quero retornar aquele nosso rancho terno
Ganhar um abraço e ter olhos de açude

Pra molhar o rosto e te entregar sorrisos
Sorver outro mate com gosto moreno
Saber das crianças e das nossas vidas
Que ficou guardada em teu peito sereno

SIMPLES ASSIM

É uma gota de orvalho
pingando no chão,
um abraço sincero
de amigo-irmão,
um mate cevado
passa de mão em mão,
o amor e a amizade
invadem o coração

É a graxa pingando
brasa, fogo e carvão,
granito bem gordo
chibo, ovelha, capão
cachaça na goela,
pro santo no chão
forte quebra costela
em comemoração

Mas que coza buena
baita gauchada
nas manhãs serenas
mate e matungada,
aparte e mangueira
patrão e peonada
poeira e gritreiro
pra topar parada

Reunião da labuta
mãos unidas, semear
quem sabe da lida dura
sabe compartilhar

caso a coisa enfeie,
mãos às armas, pelear
quem defende sua terra
é por saber amar

uma estrada que leva
mas que nunca tem fim
um Rio Grande gaúcho
que carrego em mim
gado, ovelha, cavalo
mel guacho de mirim
e esse jeito de campo
que é simples assim.

PELO QUE SOU

Carrego seivas na alma
de congregar minhas rimas,
traquejo bordona e primas
com enlevo das emoções,
transbordando os corações.
Amor, afeto e amizade
pra deixar na eternidade,
meu coração nas canções.

As histórias de minha gente
(reminiscências campeiras)
são heranças estradeiras
de cruzador e andarilho.
Sou filho de outros filhos
que escoraram a querência,
contra a fome da insolência
mantendo a pampa nos trilhos.

Sou o que o Pai do Céu moldou
e o Pai daqui deu valores,
sou fruto dos seus amores
da união dos amantes.
Sou o agora e o antes,
semente de vida e tempo
sem ter presilha nem tento.
Sou do amor um instante
e sem saber onde vou
sou o que o Pai do Céu moldou.

Pra me tornar existência
fui palanque e aporreado,

fui campo, canga e arado
no intuito de ser campeiro.
Fui o aboio tropeiro
tropa, cincerro e estrada,
rumo, partida e chegada
fogo, fogão e candeeiro.

Pra eternidade eu plantei
e renasço em semente,
dando vaza a minha gente
pra que sigam nessa trilha
de perpetuar a família,
de perpetuar o Rio Grande
e a minha alma se expande
num luzeiro farroupilha.

Fui água, campo e cambona
fui mato, fogo e fogão,
cuia, bomba e chimarrão,
sinuelo unindo gerações
enternecendo os corações
da gente do meu estado.
Faz o meu Rio Grande alçado
se esparramar nas nações

Por fim quando eu for partida
clarão de luz e de afago,
pairar sob o céu do pago
sendo uma estrela andarilha
pra correr campo e coxilha,
luzeiro em noite de lua
e no sol da manhã nua
seguir uma nova trilha.

DA LIDA E DA MARGARIDA

(ruído de água no zinco)...

Madrugada buena pra dormir
Mañanita calma e umedecida
Os olhos de Margarida
Nem pensaram em se abrir
Fito a mimosa (fico a sorrir)
Saio do catre despacito
Que hoje hay muy cedito
Aparte na mangueira
Castrar e curar bicheira
Arrumar uns pila pro pito

A chuva segue insistente
Castigando todo varzedo
Atiço logo um arremedo
De fogo firme ao borralho
O corpo velho em frangalho
(Que o tempo a tempos castiga)
Começa intensa uma briga
Entre o "vamo e o fiquemo"
Assim enquanto metemo
Pouco de boia a barriga

Carnacha de cabeça de ovelha
Com um rico café de cambona
Vem junto, também de carona
Um naco de morcilha vermelha
A fome aplaca e emparelha
Começa um novo aparte
Da água quente pro mate
Com um trago curto de canha

Mas o campo já me faz sanha
Que passa da hora do embate

Em meio a preparação
Aparece na soleira
Aquela imagem faceira
Da mulher doce e querida
Minha amada Margarida
Busca do fogo o calor
Em sua imagem de flor
Um afago e um amargo
Sol radiante do meu pago
Tradução do que é o amor

É que peão não se governa
A lida chama gritando
O mate já vai mermando
Tenho que alçar a perna
Trégua pra briga interna
Entre o ir e o ficar
Por mais que goste do lar
O labor se faz necessário
Pra encher as lata no armário
Sem deixar nada faltar

Alço a perna, acendo o pito
Sinal da cruz, saludo e benção
Assim minha iniciação
Pra nunca seguir solito
O labor é momento bendito
E proteção nunca é demais
Saio e não olho pra trás
Buscando o rumo pra frente

Pois aquilo que inunda a mente
É o que nos carrega a paz

Lida bruta, poeira e mormaço
Parar rodeio, buscar no mato
Curar bicheira, cuidar do trato
É força na perna e no braço
Sem dar balda ao cansaço
Sigo assim firme lidando
Nasci pra andar camperiando
E essa sina me basta
Com ela mantenho minha casta
Pra essência seguir cruzando

Depois de cumprida a obrigação
Descubro que tem fim o dia
Busco aconchego e alegria
No altar sagrado, o galpão
Fogo, cambona, chimarrão
Um trago pra matar as chagas
Esqueço as penas amargas
Escutando um musicamento
Reencontro meu fundamento
Por essa noites tão largas
Lida, poeira e mormaço
Chuva, sereno e friagem
Só entendo a coragem
Que fortalece no braço
Faz esquecer o cansaço
E cura toda a ferida
É o meu regalo de vida
Mais fina e pura flor
Aquele que chamo de amor

Meiga e doce Margarida

O POETA, O DECLAMADOR E O AMADRINHADOR

Um passo atrás
olhar ao longe
brilho de candeeiro na alma
sobriedade qual um monge
na busca eterna da paz

Saca o ar do universo
preenchendo o seu peito
forrando os olhos lacrimais
entre o pranto e o respeito
pra depois desabar em versos

Ele traduz de forma fiel
o que o meticuloso poeta
em sua sanidade abstrata
de dentro da sua alma inquieta
transgrediu ao papel

Sua voz tremeluzindo
em fochos luminescente, ecoam
as expressões que despertam
ganham vida e encordoam
numa tropel infindo

É quando o verso em essência
transbordando pelo declamador
da ideia poeta se completa
E num sonido encantador
conforma a sua existência

O musicueiro embrujado

amanuncea o instrumento,
conduz o tropel das palavras
pelo campo do sentimento
com seu dom abençoado

Notas maiores, entoadas
menores em sofreguidão
com lamentos exauridos
num pulsar de um coração
que chora estrofes encordoadas

Chamam de amadrinhador
pois a cada verso interpretado
conduzes mansamente em acordes
quem houve se sente tocado
pela voz, pelo som, pelo autor

Não se sabe se é trindade
ou um enlace casual
mas os três menestréis
desse pacto ancestral
se unem em fraternidade

O mundo para completamente
as horas e minutos travam
e o tempo passa a ser atemporal...
Aqueles que os escutavam
viajam pra longe dentro da mente

Histórias, sonhos, mitos
cenários encantados
o abstrato que concretiza-se
no verso musical declamado

entre sussurros ou gritos

A força impetuosa da interpretação
que dança nos acordes musicais
pois o poeta profetizou
que seus versos viscerais
acertariam em cheio o coração

E lentamente se esvai
a poesia, a declamação, a música..

Se cala mas não perde a voz
não perde o tom nem a inspiração
estanca-se um momento
mas fica toda a emoção
que cabe e transborda em nós

E sempre que o poeta se inflama
há de ter um declamador
com toda a gana do peito
derramando em fervor
o verso, a emoção a gana

Junto ao musiqueiro emotivo
construindo o caminho
por onde passa verso e versador
não se anda sozinho
quando o poeta empresta motivo

Três pontas entrelaçadas
três fochos do mesmo candeeiro
unidos num só momento
em sentimento verdadeiro

das almas iluminadas

A trindade faz transcendência
cultivando as raízes
entregando a visão poética
com sua cor e matizes
pra eternizar a querência



Ilustração: O Poeta – Diogo Corrêa



Ilustração: Declamador e Amadrinhador – Diogo Corrêa

VIAGEM DENTRO DOS RETRATOS ANTIGOS

Dormem...

Dormem esquecidas nas paredes brancas
As lembranças mortas de silhuetas rudes
Em molduras tortas (guardiãs do tempo)
As histórias tantas transcendendo em nós

O pó retempera o fatigante e abstrato tempo...

Num misto de retrato e sonho,
De presente e passado
Aqueles rostos sisudos que nos deixaram legado
Dão razão ao som que ecoa no peito
E com total respeito nos saem na voz

As aranhas trabalhadeiras tecem em suas teias
Os finos fios da linha que perpetua a vida
Não a corpórea, a mundana ou a terrena
Mas a que transcende e apresenta aos olhos
Daqueles que pendurados nas paredes
Seguem emanando impressões...

De que o tempo é mera medição daquilo
Que se configurou em ontem, hoje e amanhã

Dos retratos, ainda me atingem os olhares
As vestimentas me demonstram o recato
E na postura, a retidão servil
Que aqueles sustentáculos de um passado longínquo
Embasam com pedras rudes e fortes
O caminho que deveria ser percorrido
E que acabamos, por vezes, preferindo atalhos

Sem perceber, me adentro aos retratos
Como a passear por mundos e por tempos
Onde jamais me veria se não fossem os portais
Aqueles mágicos projetados pela mente
Que as teias das aranhas trabalhadeiras protegem
E transpassamos sem arrancar-lhes um fio

Me vejo envolto em avôs e avós, em bisos e tatas
Com suas barbas cerradas ou seus camafeus prateados
Em sorrisos contidos e sóbrios, perfis sisudos, mas ternos
Eles sempre preocupados com a vida e a família
Elas sempre zelando para que eles se sintam seguros
E ambos trilhando o futuro com passos pesados e firmes

Ali, dentro do retrato,
Me sinto tal como um ponto perdido, um hiato
Passo a entender que a forja do tempo,
Marretando em uma bigorna servil, tinha ainda mais para entregar
E num sopro de perspicácia, modificou sua tempera e seguiu forjando

Como seria?
Seria melhor ou seria pior?

Jamais encontrará o poeta, respostas concretas a tais questionamentos
Há ambiguidade em se fazer as perguntas e responde-las
O tempo e suas peripécias vidaleiras, são imprescindíveis

Os retratos escondem segredos imensuráveis
Os homens em sua caminhada incessante são
imprevisíveis
Enquanto o alvo de habitável num sonho são
inimagináveis

Seguem as teias de aranhas...

Suas redes em finos fios tecidos com zelo e simetria
Não aprisionam, não escondem, nem proíbem. Protegem
E afeito a elas, volto do retrato com a pergunta e o pensar
O tempo e os atos moldam o caminho e nos conduzem
Mas nem os avôs, os bisos ou os tatas poderiam prever
Teriam algo ou nada a fazer
Pois o livre arbítrio é o real fio condutor dessa vida

DE NOSSOS AVÓS

Porque há que seguir assim?
Os dias, a galopar sesmarias
Agonizantes em sua corrida incansável
E o povo, bebendo sempre do novo
Esquece do gosto inefável
Das coisas que lhe dão forma
Da história que segue a vida
O ontem que construiu o agora
E é lá de fora donde nasceu a lida

Eu vejo estrangeirismos
Invadirem os salões
E as velhas recordações
De avôs e avós na moldura
Com ares amarelidos e bolores mil
Descansam sem sorrisos
Mirando inertes ao longe
Nos impondo um compromisso
De zelar por tantas coisas
Que foram erguidas com suor e sangue

As estradas não eram como hoje
Pavimentadas, de asfalto
Nem de pedras, nem eram estradas
Foram abertas a bois, facões
Foices, correntes e trabalho
Esses avós eram determinados
Decidiram que aqui se desenharia
Um estado, uma raça e uma história
Com a força dos braços e união
Porque não esperavam o futuro

Eles simplesmente faziam o presente

Suas ferramentas criaram caminhos
Sua determinação construiu povoados
Homens e mulheres laborando lado a lado
Erguendo casas, cimbrando o arado
Semeando a terra e colhendo famílias
Erguendo casas simples, sem luxo
Pra que a nossa noção mãe querência
Fosse a matriz de procedência
De um povo chamado Gaúcho

DE UM RIO

Tem o sol o privilégio
De dia após dia banhar-se
Usa o Guaíba para renascer
Um ritual cíclico sob o céu
Que as nuvens fazem véu
E descobrem sempre ao ver
Que o astro rei desfaz o breu
Entregando o brilho do amanhecer

Um pescador solitário
Assiste tudo, longe de todos
Nem por peixes, nem por pescar
Talvez por dividir com o rio
Suas ideias e seus ideais
Ou talvez o rio esteja a lhe dar
A calma, o brilho, o som
Tudo aquilo que a natureza
Tem pra nos iluminar

As intrépidas e imóveis luminárias
São sentinelas tesas nessa paisagem
Com coragem pra suportar o frio
E lâmpadas para iluminar a passagem
São vigilantes dos transeuntes
Que vão e vem num imenso vazio
Não lhes notam se os iluminam
E se somem pela orla costeando o rio

Esse rio caudaloso banha cidades
Que mata a sede dessa gente
Que joga ao rio os seus dejetos

E nessa luta de sobrevivência
Matamos a ânsia de olhar belezas
Nos quadros abstratos do concreto
Retratando apenas o que os olhos veem
Mas não sentimos o mal que fazemos
E perdemos por ele o amor e afeto

Te ergues rio em tua nascente límpida
E sobrevives aos artifícios do progresso
Te mantendo água, te entregando ao cio
Mesmo que estudiosos te nominem lago
Ou a geografia te interpele estuário
Tens voluptuosa força em qualquer estio
A força pujante de transportar riquezas
E amamentar nas margens outras belezas
Por isso te admiramos absortos, rio...

A PRIMEIRA ESPORA

Sou gaúcho de a cavalo
Mesmo que de brincadeira
Meu cavalo de madeira
Só eu posso montá-lo
E se ele me der pealo
Meu valente alazão
Caio de rédeas na mão
Monto de novo e prossigo
Porque ele é meu amigo
Pras horas de precisão

Ainda sonho montar
Um cavalo bem entonado
Com pelos do meu agrado
E bueno de amanunciar
Pra podermos camperear
Desde o romper da aurora
E se largar campo afora
Correr vaca, buscar terneiro
Dar apoio pros campeiro
Firme na primeira espora

Até já tenho um par
São estrelas do meu céu
Um regalo, meu troféu
Pra quando eu encilhar
Ganhei do pai Adelar
E vou usar com louvor
Por onde quer que eu for
Gaúcho de nascimento
Um guri cento por cento

Que tem pelo pago, amor

Imagina o baita retrato
Pilchado e bem de chilenas
As humildes nazarenas
Num gauchinho de fato
Vou desenhar no relato
A mãe na porta chorando
Me vendo já encilhando
Sou a estampa do rio grande
Que no meu peito se expande
E vou viver te amando

POR GAITEIRO

Num destino musicueiro
Co'a gaita aberta em cruz
É o gauchesco Jesus
Traduzido por gaiteiro
Tem no palco, altar campeiro
Seu momento de oração
Cada nota uma benção
Nesse abre e fecha sagrado
Num abraço enfeitado
Com sua amada de botão

Madrepérolas benditas
Que ao folejar respiram
As notas que te inspiram
São sinceras e bonitas
Dissonantes infinitas
Alegrando quem te escuta
Se paras de forma abrupta
Sem preludiar ao final
Deixa uma espera especial
Em musical reculuta

Quantos olhares mareados
Te trouxeram inspiração
Quanta lágrima de emoção
Te prendeu junto ao teclado
E no sussurro apaixonado
De uma morena trigueira
Despencou a botoneira
Com arrojo e com entono
Ou então num abandono

Ficasse na polvadeira

Outras ficasse entojado
Fundindo gaita e gaiteiro
Nesse tocar feiticeiro
Mantendo o baile animado
Enquanto a flor do agrado
Encontra outros abraços
Tu não descamba um compasso
Gaiteriano noite adentro
E um candeeiro no centro
Alumia o teu gaitasso

Nos fogões de acampamento
Foi sacerdote do culto
Varando a noite num vulto
De fogo, fumaça e alento
Teu bárbaro musicamento
Era hino reverenciado
Tudo que tirava da gaita
Velho totem, nobre taita
Fazia tu mais sagrado

Tu já tocaste em velório
Nascimento e batizado
Pois és tão requisitado
Que te fazem compulsório
Foi musiquero em casório
Depois em separação
Que por conta da ocasião
A festa era de primeira
Com tanta china solteira
O gaiteiro era atração

Nas festas de reis no pago
Na chula ou declamação
A dupla em comunhão
Vai descambando a lo largo
Nas rodas de mate amargo
Churrascos e carreiradas
Faz a graça da indiada
Santo casal folejante
Gaita e gaitero por instantes
São deuses da gauchada

AO GRANDIOSO JOÃO CABRAL

Eu conheci João Cabral
Foi pelas redes sociais
Aprendi ainda mais
Co'esse gaúcho especial
Falando de um jeito bagual
As coisas do seu dia a dia
Traz como uma terapia
Ensinamentos sem fim
Palavras que renascem em mim
Qual ato de liturgia

Fala de campo e campeiro
De forma simples, sublime
Aquilo que o João exprime
Soa forte e verdadeiro
O peito sempre em braseiro
Emanando bons pensamentos
Traz sempre os ensinamentos
Pois quem quiser receber
Pode com o João aprender
As coisas dos sentimentos

Se tem que chorar, chora
Sorri muito facilmente
As palavras habilmente
O João sabe botar pra fora
Lida de mango e espora
Com cavalos e o destino
Deve trazer desde menino
Esse jeito de domador

Que faz com tanto amor
A lida de campesino

João que já foi peão
Também já foi radialista
Guerreou por suas conquistas
Com garras de gavião
Carrega um bom coração
Batendo forte no peito
E sabe impor o respeito
Se alguém provoca o vivente
Sai de forma inteligente
Provando que é bom sujeito

Eu conheci João Cabral
Com seus pequenos ditados
Todos bem fundamentados
Não são coisas de ocasião
Traz verdade e preocupação
De ser bem interpretado
Talvez deixe de legado
Pra quem souber escutar
Um viver peculiar
Do simples bem aproveitado

Gosta das coisas singelas
Que lhe aproximam do campo
Seu Galpão é o altar santo
Tições pra ele são velas
As cores da sua aquarela
Trazem verde na palheta
Que de um jeito muy gambeta
Atropela as dificuldades

Domando a dor e as vaidades
Moldando a sua silhueta

Sempre que o João aparece
Pra dar seu depoimento
Eu paro por um momento
Tudo o que estou fazendo
E fico ali aprendendo
Com as coisas desse campeiro
Que abre o peito altaneiro
Contando suas bravuras
Expondo suas amarguras
Homem puro e verdadeiro

Um dia por certo João
Se o destino me deixar
Ainda vou te encontrar
E dar um abraço de irmão
Dizer com muita emoção
Buenas e muito obrigado
Por nos terdes regalado
Tuas palavras qual semente
Semeando no peito da gente
Um viver simples e iluminado

MEU CÉU INTERIOR (UMA RELEITURA)

Dentro de mim habita um campo
com pasto verdejante,
boa aguada e um arvoredor
que de tão frondoso,
a vista se perde ao léu
e as folhas das mais intensas
quase tocam o meu céu

Habita em mim um regaço
que às vezes sofre de seca.
Outras vezes não dá passo,
mas uma pinguela de eucalipto
massa bruta, forte e firme,
conecta o meu rancho emocional
com os campos do racional

Em todos os campos que me habitam
correm potros selvagens,
livres e indômitos
que tem vivacidade de desbravar
sempre e cada vez mais,
novos horizontes...
Não temendo frio, calor
terras, aguadas ou montes

Um galpão mais ao centro do corpo,
tem um fogão aceso e pulsante.
Aquece a cambona do mate,
aquece o brando da alma,
acelera e desacelera,
com variações de ardor

mesclando chama e braseiro.
É o que o galpão mantém
vívido e aconchegante,
mas que um dia, por certo
adormecerá.

Nas tripas do meu ser,
sulcado na terra mal lavrada
tem taipas, condutos e açude.
Corre num sulco aquoso de energia.
Por vezes é escuro,
noutras uma água límpida,
mas a natureza exterior,
traz dons de perfeição
que cuida, trata e hidrata
todo o meu mundo interior
pra que o galpão siga de pé
os campos e regaços garbosos
movidos de sumo, amor e fé

Quando algo padece
nesse biossistema complexo
os campos de se perder de vista
tem o verde um tanto desmerecido
o regaço reduz a aguada,
mas segue intenso o fogão
acondicionado no galpão
pra que o calor irradie
e aqueça esse mundo interior
dessecando todos os males
fortalecendo o afeto e o amor

A noite do meu mundo interior,

quando os grilos sibilam
e os potros adormecem,
o fogo aceso no galpão
reduz sua intensidade
pra que as minhas reminiscências,
memórias e devaneios
passeiem e se achem
pra matear o mate da vida.
Sorver o sumo do afeto,
escutarem os bichos noturnos
meus pesares taciturnos
e admirarem o céu de estrelas,
que só meu mundo interior carrega

Talvez adormeçam admirando
tanto o quanto eu possa oferecer.
Esse mundo de céu particular,
depois que a noite se cansa
de me aparecer tão bela,
pendura a lua no céu singela
que matreira se despede
pra que o sol, amarelando toda a paisagem
traga mais luz e esperança.

Então descubro que a chama não se apaga
porque tu a carregará
acesa em teu sorriso de criança

Assim serei também
teu mundo, teu céu
teu sol, lua e estrelas
e quando quiser revê-la
basta que feche os olhos

pensando no firmamento
e verás meus fragmentos,
os vestígios mais singelos
nesses teus olhos belos
que herdou de nascimento

E eu serei tu
e serei eu...
Uma descendência,
vida e procedência,
eco da minha voz
onde quer que ande
carregarás em ti o Rio Grande.
Assim Eu e Tu seremos,
pra sempre Nós.



Ilustração: Matadouro Outra Perspectiva – Diogo Corrêa

ISBN: 978-65-00-17920-0

CD



9 786500 179200

Patrocínio:



Realização:

